

107 - Vinte de Mandela

Mandela está Vivo. Zumbi ressuscitou

África do Sul, 23 de abril de 1964. Advogado, 45, Nelson Mandela tentou derrubar o governo e pode ser condenado à morte. Fará a própria defesa. Ouve a acusação, olha a galeria e vê a mulher, Winnie. Sorri. E defende-se com uma declaração: a ação "é resultado de uma calma e ponderada avaliação da situação política surgida após anos de tirania". Denuncia: "a minoria branca subjuga a maioria da população."



Confinado pelo apartheid - o LODO DA CIVILIZAÇÃO onde nasceu - MANDELA é condenado à prisão perpétua. FORA DAS GRADES A LUTA CONTINUA E SE INTENSIFICA. Outros presos e mortos. MANDELA LÁ...

Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Granada no Caribe, Zimbabwe, Namíbia, se LIBERTAM. O Brasil negro ACORDA.

ZUMBÍ HERÓI NACIONAL.

Brasil, 20 de novembro de 1981. Destroçada em fevereiro de 1694, ZUMBÍ, que POR CONTA PRÓPRIA manteve a REPÚBLICA DE PALMARES, e, traído, foi morto em 1695, ressuscitou 287 anos depois. D. Pelé, então D. Zumbi, celebrou a missa na Serra da Barriga, ex-MOCAMBO dos Macacos, 71 km de Maceió.

Desfile oficial: garotos brancos, nos cavalos ou pintados de preto e algemados, à pé. Willy, artista, e Brother, jonalista, se irritam: "Aqui todos são livres". Liberam garotos, cavalos e tintas.

ZUMBÍ RESSUSCITOU.

Ilê Ayiê, Badauê e Olodum cantam e dançam. "Negro é cidadão E vive. Vive..."

MANDELA EXCLUÍDO É O NOSSO PRESIDENTE MUNDIAL

Comprar este livreto é subsidiar a CHANCE estudantil, dar Bolsas de Estudo e fortalecer a nova política anti-racista.

Mais Blacks e Rappers...

"O NEGRO COLOCA A MÃO NA CABEÇA E CHORA..., CHORA A FALTA DO REI..."

(África do Sul, 21 de março de 1959. 68 mortos e 227 negros feridos em Sharpville. 1961, junho. Ergue-se A LANÇA DA NAÇÃO. 5, Agosto de 1962. Nelson Mandela é preso em Johannesburg. Winnie Mandela diz: "É o COLAPSO de um SONHO Político". 1964. Prisão perpétua.)

Fora das grades a luta continua.

Brasil.

(CÉREBRO).

Há três séculos a cabeça de Zumbi, decepada e salgada, em 20 de novembro de 1695, é exibida em satisfação "aos queixosos e ofendidos e para atemorizar os que o acreditavam imortal".)

ESTÁMORTO?

LESTE - (Suicídios. Quilombo de Campo Grande, em Minas, destruído. Inconfidência Baiana: mortos, esquartejados, exilados e banidos. BALAIOS, CABANOS, MALÊS, DERROTADOS. Corpos nas ruas. Desconhecidos e não identificados). **OESTE.**

CENTRO - Tiradentes, alferes des preocupado com o fim da escravidão, é enforcado. Pedro I fica e grita: INDEPENDÊNCIA OU MORTE! E volta a Portugal. Ambos são heróis. (O crioulo doido samba.)

1988. Izabel, a princesa. Moça branca na favela. Abolição 13/5.

Não importam os anos.

Norte. (Soldados desconhecidos, VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA na Guerra do Paraguai. CONSELHEIRO de Canudos, com mestiços - A NEGRADA. Milhões. Dizimados. Deixa falar?)

Caxias! SUL

PAÍS. Século XX. Os imigrantes chegaram. Modernidade. 1910./

O NEGRO CONHECE O SEU LUGAR? O Rio de Janeiro, sob a mira dos canhões da esquadra amotinada contra a Chibata e os castigos da Marinha de Guerra. (JOÃO CÂNDIDO, O ALMIRANTE NEGRO. BALAIOS? A chibata e os castigos acabam. O ALMIRANTE, "enterrado" na periferia do Rio de Janeiro.)

MALU

...E Melhores Sambas

19... (Imprensa Negra, escolas de samba, candomblés infestam o país). A coisa pode ficar **preta...**

20' - **Perigo amarelo**

30' - (Nascem Vai-Vai e Frente Negra Brasileira. S.P. Camisa Verde inclui o Branco.) Partido? A Frente Negra fechada em 1937.

40' - Pracinhas, alferes, **soldados morrem** na Itália. Os "vivos" ficam.

50' - Afonso Arinos. Defesa legal do negro. (Solano Trindade. Teatro Popular Brasileiro [Invisível?] Abdias Nascimento. **Experimental**.)

60' - Golpe militar, Arena conta ZUMBI, (Black Power) Elis quer um **homem de cor**. Black's Beautiful. Simona: SOU NEGRO DE COR. BEN. Quando Zumbi chega, É ZUMBI, É QUEM MANDA...

70' - **AGORA FALAMOS NÓS!** SINFONIA NEGRA. AFRO-LATINO AMÉRICA. POETAS NEGROS e cadernos. A CARAPINHA. FELICIDADE: passei no Vestibular. REFAVELA: foi um rio que passou na minha vida. COMPANY SOUL.

abril-78. Robson Silveira da Luz, 21, negro, comerciante, 44º D.P., torturado. "NEGRO TEM QUE MORRER NO PAU", o delegado diz. Morre Robson. Irritação. TIETÉ **proibido** para atletas negros.

julho, 7. Cinco mil negros na PONTA DO BEIÇO. Irritados protestam. Teatro Municipal. O mito começa a cair. O NEGRO não é CORDIAL. **Democracia?**

Novembro, 4. Bahia. 20 será **dia Nacional da Consciência Negra**.

(Entre 60, 70 e 80, Angola, Moçambique, Guiné Bissau, ZIMBABWE, NAMÍBIA se libertaram, a Guiana Inglesa fica livre, O MOVIMENTO NOVA JÓIA liberta Granada e nasceu o Suriname. Em 11 de fevereiro, 1990, 295 anos depois que Palmares, no Brasil, foi destruído, MANDELA é libertado na África do Sul.

Dia 1º de Agosto, chega ao Brasil; 2 vem a São Paulo. Visita ainda: Brasília, Rio de Janeiro, Bahia e ESPÍRITO SANTO e retorna à África do Sul.

Dia 5 de Agosto faz 28 anos que foi preso em Johannesburgo.

Hoje, 1991, é livre.

BRASIL - Agosto, 1991, 6. O NEGRO COLOCA A MÃO NA CABEÇA E CHORA?

Agosto, 7 "MAIS BLACKS, RAPPERS, E MELHORES SAMBAS..."

Brasil livre II

Não há racismo no Brasil. Na África do Sul ele está morrendo. O problema é que "baiano é preguiçoso", gaúcho é macho, carioca malandro, japonês super-inteligente; catarinense, em geral alemães, super-organizado. Paulista é trabalhador.

Preto? Eles são **divididos, confusos e meio preguiçosos**. Mas vamos ajudá-los a se organizar. Os melhores, é claro. A maioria tem forte tendência para ser bandido, e as mulatas, quentes na cama, de serem prostitutas...

NGO

O Brasil...

Até os anos 50 estudiosos e professores de história ensinavam aos estudantes como o Brasil nasceu: os povos nativos, originários, selvagens, cometeram suicídio, mataram a própria cultura e a trocaram. Garantiram privilégios e confortos – as riquezas atuais – aos reis europeus.

Falavam-nos dos navegantes, perdidos nos oceanos, e de como os bandeirantes mataram "heroicamente": exterminando os povos chamados de índios e perseguindo, matando ou submetendo os africanos escravizados para ocupar e impor ao território a civilização e o poder europeus. A escravização, de corpos e mentes, além da violência e o estupro das mulheres, eram as armas principais...

A história do Brasil e das Américas, apesar dos mitos do Brasil cordial e da democracia racial, é uma história de massacres. E os mitos, como o do suicídio do jornalista Wladimir Herzog, em 1974, assassinado no Doi-Codi, começaram há quatro séculos atrás. Zumbi, por mais de 200 anos, apesar da cabeça decepada, salgada e fincada no alto de um poste para ser exibida aos "justamente queixosos e atemorizar os negros que o acreditavam imortal", foi a primeira vítima. Historiadores insistiam que ele suicidou-se. E o corpo, abandonado nas matas, em 1695, foi o primeiro de um desaparecido ilustre, político, do Brasil.

A cabeça, fincada no poste e exibida, virou exemplo. O corpo, nas matas, ampliou-se e reproduziu. Em 20 de novembro de 1983, a Serra da Barriga, capital de Palmares e Mocambo dos Macacos, foi tombada, o espírito Dele resgatado e Ele virou herói nacional.

...Novo

Pressionados pela nova realidade brasileira imposta pelos movimentos blacks, que dançavam soul, deixaram tamborins e camisas listradas para se organizar por conta própria, nas ruas, os intelectuais tupiniquins, negros ou

brancos, começaram, em 80, a medir a economia do racismo. Os brancos têm rendimentos maiores e os negros são mais assassinados.

Na Bahia, a nova música afro-baiana abriu espaço para o reggae e os primeiros "rastas" legitimaram o discurso radical dos rappers, que hoje infestam o Brasil. Brizola denuncia o assassinato de negros no Rio de Janeiro e Collor, que se elegeu às custas da denúncia de racismo nas esquerdas, é anfitrião de Nelson Mandela, símbolo mundial da liberdade, maior Chefe de estado Negro do Mundo Contemporâneo e presidente internacional de todos os Excluídos. Exú foi para as ruas. Omulú soltou os seus guerreiros e os mortos começam a ressuscitar no Brasil, o cemitério dos negros. Os "suicidas" começaram a cobrar, por Mandela, as dívidas.

Populares, da região do Araguaia, onde um grupo de especialistas foi recentemente em busca de cadáveres desaparecidos nas mãos da repressão do regime militar recente, viram o espírito do guerrilheiro Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão, morto aos 38 anos no sul do Pará. Ele foi buscar o cão que deixou aos cuidados da população. Oxossi e Ogum se fazem acompanhar por cães. E são guerreiros, soldados da liberdade de Obatalá. Em Alagoas, os populares vêm casais de "índios pretos". E eles, certamente, copulam clandestinamente. E nascem, a cada dia, novos Zumbís...

Agora que o Brasil discutirá, e tudo indica que o Parlamento (Congresso) aprovará, a pena de morte, não se confirmará o prognóstico de que morrerão mais negros e pobres. Há cemitérios de judeus, japoneses ou de cristãos. Os macumbeiros não precisam, eles não morrem. Como Zumbís, vagam pelas ruas do país...

E Zumbí, o maior e mais importante morto dentre os negros, ressuscitou. E está vivo. Em 1975, o grupo Evolução de Campinas, quando apresentava a peça teatral Sinfonia Negra, dizia: "Zumbí é cada negrinho que nasce..." E os Raps, com as músicas radicais de hoje, adolescentes, provam isto: são os filhos do Mocambo dos Macacos...

Hamilton Cardoso

A pergunta: Zumbí morreu?

"Com a sua morte... não encerrou, iniciou apenas, um ciclo de rebeldias e insurgências negras intermináveis. Outro rebelde, Camoanga, depois dele, exortado pelo bispo de Pernambuco, D. Francisco de Lima, "não se rendeu nem deixou notícias da sua morte". Em 1797, referindo-se a hordas e multidões de miseráveis, *sem terras*, concentrados na região, um funcionário da coroa disse em relatório ao rei que eram "pessoas indigentes e criminosas que, por escaparem às penas de seus delitos, procuram esconderijos nas matas como asilos seguros".

O Brasil, vale lembrar, como Angola, Moçambique e Guiné e Cabo Verde, durante o período colonial, quando Zumbí combatia fisicamente, eram utilizados como prisões de portugueses, criminosos comuns, deportados. Os escravos utilizavam as matas como asilo: viver entre os deportados era cumprir pena. E a pena era a escravidão.

Na segunda e terceira décadas do século passado, segundo o historiador gaúcho Décio Freitas, Vicente Ferreira de Paula liderou na região onde foi Palmares a grande Revolta dos Cabanos, a *Cabanada*. A maioria das vítimas, submetidas à exclusão social, e rebeladas, eram mestiças. Como na guerra dos Canudos, nas regiões nordestinas, durante a transição dos séculos XIX e XX, época da abolição da escravatura e da proclamação da República, quando milhares de mestiços, sem camisas e armas nas mãos - idéias nas cabeças -, sob a liderança de Antônio Conselheiro, se rebelaram. Eram os mestiços, de Zumbí, excluídos do mundo branco de El Rei de Portugal e seus súditos. Os mestiços eram as vítimas da modernização européia que se impunha, à força, no Brasil.

Disciplina e bravura.

Manú, um louco que perambula e caça va cachimbos quando do tombamento da Serra da Barriga, em 1981, era considerado pelos moradores de União dos Palmares, cidade ao pé do antigo *Mocambo dos Macacos*, o último dos índios pretos que a história diz que viveram e habitaram a região até a madrugada de 5 para 6 de fevereiro de 1694. Mas ninguém afirma que foi o primeiro, ou que os ancestrais deles perambulavam.

Clóvis Moura, o maior historiador do Brasil, conta que em 1630, quando da invasão dos holandeses, que depois se tornaram a base do apartheid sul-africano, agora desmontado pelos anglosaxônicos que ainda dominam aquele país, os governantes do Brasil recrutavam os mamelucos - depois os Bandei-

O Suicídio

O suicídio, segundo os que registraram, e depois escreveram a história do Brasil, foi uma das principais e talvez das primeiras formas de luta contra o escravismo colonial e o racismo. A historiadora Sueli Roble dos Reis, diz no livro *A Escravidão Negra em São Paulo*, que "não raro, era encontrar um negro que deglutisse a própria língua obturando o orifício superior da laringe e provocando uma asfixia".

O silêncio invisibilizou os negros e transformou homens como Zumbi, líder da estatura dos Cimarrones do Caribe, pais dos Rastafarians, ou a Rainha Zginga de Angola, mãe das revoluções anti-racistas e anti-exclusão social, racial ou nacional na África Austral, sinônimos de fantasmas, mortos vivos. Antes de assassinados, eles aterrorizaram os dominadores. Por isto foram perseguidos.

Zumbi foi traído por Antônio Soares, um mestiço e ex-lugar tenente, que, protegido pelos Bandeirantes, confiadamente se aproximou e o esfaqueou. Foi assassinado, e o governador de Pernambuco em 1695, para certificar-se de que morrera e impedir que outros o imitassem, mandou decepar a cabeça dele e fincá-la no alto de um poste. O tempo a consumiu e o vento espalhou as idéias. Dele por todo o território nacional. E elas romperam fronteiras.

A primeira atitude do negro líder, e agora herói nacional, foi, depois de lutar como soldado e general, romper com Ganga Zumba que, através de acordos de reis, se aliara ao governo colonial para combater aos invasores estrangeiros. Ganharia terras para fazer o próprio *bantustã*, Cacaú, e devolveria os homens escravizados que, com mulheres e crianças haviam sido libertados pelos quilombolas, aos proprietários das senzalas, os empresários de então.

Zumbi rejeitou o acordo e exigiu a nação livre, independente e multirracial de Palmares, democrática. Intensificou a luta. Na pátria dirigida e administrada a partir do Mocambo dos Macacos as mulheres também eram gerais e as crianças, soldados, jamais eram abandonadas. Descendente de africanos, observado ou perseguido pela polícia de então, com familiares e iguais, sistematicamente discriminados e atingidos pelas arbitrariedades sociais e políticas, traído, Ele se impôs.

Quatro séculos depois, 17 anos antes dos 300 anos do seu assassinato, ele reemergiu. No dia da morte e da traição, 20 de novembro, Nacional da Consciência Negra, autoridades de todo o país e da África, representantes dos EUA - coração da dominação mundial e sustentação das forças do racismo internacional - além de ativistas políticos negros, tomaram a serra da Barriga, o Mocambo dos Macacos.

ZUMBÍ ERA HERÓI NACIONAL.

rantes, assassinos de negros de origem africana e nativos - e também os africanos escravizados e nativos originários. Para combater a invasão holandesa. Chefiados por Henrique Dias, segundo os historiadores, se destacavam pela "coragem, disciplina e bravura".

Nas incondições Mineira, 1789, e Baiana, 1798, são símbolos dos esforços e aspirações nacionais por independência e não subordinação do Brasil a países estrangeiros. Tiradentes, o líder enforcado, tornou-se o maior herói do Brasil e os baianos, esquecidos como principais insurretos e nacionais rebeldes - ou marginalizados na história - tornaram-se símbolos da preguiça nacional.

Há cronistas que dizem: Tiradentes não recebeu apoio popular, principalmente dos quilombos que infestavam as Minas Gerais, porque não explicitou e não trabalhou, em seu programa de lutas, o combate e a supressão da escravidão, ao contrário dos baianos. Conhecida como revolta dos Alfaiates, por causa do grande número de trabalhadores desta categoria, 27 líderes da revolta, delatados antes que ela ocorresse, foram enforcados, os corpos esquartejados e expostos em lugares públicos.

Nas lutas pela Independência do Brasil, a partir de 1822, como na revolução de 64 deste século, sem muito sangue, - a não ser "quando e onde as coisas ficaram pretas" - o Major Santa Eufrásia, negro e na Bahia, então conhecida como o Congo Brasileiro, onde houve lutas contra os portugueses, desfilou, igual ao Comandante Manoel Gonçalves, também negro, vitoriosamente pelas ruas de Salvador. Os negros foram força motriz das lutas nacionais.

(Um poeta angolano, ex-soldado da luta nacional de libertação, ativista e militante político do MPLA, faz um poema onde diz: "Eu sou carvão!" E o carvão é energia, já moveu trens e alimenta o fogo...)

Na Cabanagem, que tomou toda a região Amazônica, e na Balaiada, no Maranhão, os negros, ex-escravizados, foram os motores do sentimento nacional. Numa delas, um **liberto**, como Mandela que saiu depois de 27 anos de isolamento e confinamento na prisão, conhecido como **PATRIOTA**, gravou o nome na história. Também o "mulato" Joaquim Antônio e os negros Manoel Pereira Guimarães, "vulgo" Gigante Maquedum, e o aprendiz de sapateiro José Manoel Pereira Feio. O preto Custódio Teixeira, que sempre andava armado, foi um dos mais influentes nas insurreições baianas em 7 de fevereiro de 1835.

Cadê o branco?

Em uma destas revoltas, o preto João do Espírito Santo, mais conhecido como **Diamante** (negro?), se opôs a Eduardo Angelim, um dos líderes, reuniu companheiros e clandestinamente (deglutiu a língua? Ou o gato comeu?) organizou um corpo de soldados da liberdade, que denominou de **guerrilheiros**. Repetiu a epopéia de Zumbí ou o que Nelson Mandela fez na África do Sul? Não importa. Os três são **compatriotas**. E, talvez: **Zumbí vive...**

Na Ilha de Marajó, um líder conhecido como Coko se destacou. No baixo Amazonas, segundo Jorge Hurley, "o preto conhecido como Belizário", comandante de uma força de 300 rebeldes, se apresentou como "libertador da sua raça". Até hoje, dizem os historiadores, não se sabe quantos, quem, nem onde os negros atuaram, decisivamente, na Cabanada. **Mas alguém sabe quantos são, o que fazem, quando e o que querem os do Brasil? Sabe-se, apenas, que Zumbí está morto. Está?**

Na Balaiada, liderada por um camponês que fazia balaios, ocorreu um ataque à cidade que hoje, em homenagem ao patrono do Exército brasileiro, é conhecida como Caxias. E os invasores, na cidade, ainda não homenageada com o nome do pacificador, cantavam:

"O balaio chegou!

O balaio chegou!

Cadê o branco?

Não há mais branco

Não há mais senhô..."

O Patrono do Exército matou negros de origem africana ou dos povos nativos originários; defendeu o Estado Colonial ou colocou os perseguidos a serviço dele. Por isto é herói. E o exército, dizem os intelectuais, é a instituição de estruturas internas mais democráticas, do ponto de vista da ascensão social, e estável do país. Nele, **o Balaio ainda não chegou...** O bandeirante Jorge Velho, que antecedeu o patrono e os generais atuais, matou Zumbí, um general. E ele morreu?

A principal revolta anti-escravista popular e radicalmente anti-colonial do Brasil, foi a revolta dos Malês. Registrada em 1807, 1808, 1809, 1813, 1814, 1822, 1823, 1826, 1830, teve em 1835 o ponto crucial e, com menor ressonância, em 1844. Em 35 colocou em cheque o poder colonial e durante três dias poderes africanos quase foram restabelecidos em Salvador, na Bahia. Objetivo e limite: matar todos os brancos e pretos cristãos da Bahia para criar, lá, um estado monárquico e teocrático - muçulmano.

Justiça

Organizada pela OGBONI, com ramificações na África e Rio de Janeiro, as revoltas dos Malês, da Bahia, segundo o estudioso baiano e homossexual, Luiz Mott, eram conectadas com o Haiti. Ou o poder temia e suspeitava que fossem. Negros presos no Rio de Janeiro, no começo do século, faziam declarações que os vinculavam à **República do Haiti, primeira nação independente das Américas**. Era um Estado negro. E é. O atual chefe de Estado é um padre.

As revoltas dos Malês foram duramente reprimidas e os escravizados, em 1835 forçados, pela repressão, a desaparecer de lá. "No dia seguinte as ruas estavam juncadas de cadáveres, não só de negros que tomaram parte nas lutas". A Assembléia Provincial suspendeu as garantias individuais por um mês e permitiu buscas e prisão de suspeitos em todos os lugares em que houvessem negros. **Autorizou prisões de suspeitos**.

Dias depois, quando as revistas foram autorizadas também nas casas de brancos e representações estrangeiras, os sacerdotes muçulmanos foram presos porque a **Teologia** deles falava em **Libertação**. Mas era de escravos. Só um século e meio depois, um sacerdote cristão, o Frei Leonardo Boff, sofreria repressão. E mesmo assim da própria direção da Igreja, depois que o Estado, militar, matou, prendeu e expulsou sacerdotes envolvidos com **nativos, povos originários** - os índios.

Em relação aos escravizados e muçulmanos, a Justiça foi rápida. Em menos de um mês, 18 foram condenados a morte, treze a 128 anos de trabalhos forçados e 13 prisões perpétuas foram proferidas, quatro foram exilados e 13.500 açoites, à razão de 50 por dia, foram aplicados em 23 indivíduos. **Pacífico Licutam**, acusado de ser estimado pelos baianos, foi condenado a mil açoites e **José Congo** a 600. O casal Agostinho e Tereza, a dois anos de prisão. Miguel Calmon Du Pin propôs a criação de uma Companhia de Colonização da Bahia para a "introdução de braços livres" e "prevenir com eficácia e evidente **utilidade**, a funesta necessidade de africanos ou os efeitos mais funestos de tantos bárbaros neste **abençoado país**."

Começava na década de 40, de fato, a luta pela abolição da escravatura e o fim do tráfico de escravos, já considerado pelos ingleses desde 1810, como atividade ilegal.

SÃO PAULO NÃO VACILA SÃO PAULO CANTA, DANÇA E BRIGA...

Já se tornou vício de muitos dizer que São Paulo é cidade de poucos negros. "É de imigrantes", dizem os que não prestam atenção aos atabaques e reco-recos clandestinos que se impuseram às madrugadas que abrigavam a bêbada classe média paulistana. Há negros, e muitos, na cidade.

Nativos ou migrantes que cantam, dançam, se embebedam ou trabalham e consomem. Provam que há vida, e portanto, movimento. A verdade é que com os atabaques, reco-recos, surdos, triângulos, cuícas, algazarras e malandragens, tiririca, ORDEM E PROGRESSO, miséria e rebeldia, ao som compassado do samba ou ao toque pesado do soul, e finalmente radical dos rappers. ELES sobreviveram transformando-se e, às vezes, assumindo novas formas no teatro, na música, nas ruas - fábricas, comércio e indústrias.

Coisa de nêgo, diria Raimundo Sodré

IBEGÍ**

a Nelson Mandela e às crianças, menores abandonados, do Brasil

PRESERVARAM MEU CORPO
e quiseram matar o meu espírito.
Mantiveram meu cadáver
- e o exibiram ensangüentado,
produtivo e viril.

MATARAM O MEU CORPO
para aprisionar a minha alma

Mas...
Negro, invisível, traquinas,
sequioso por me deliciar por uma
bunda
- e com ela.

Meio índio,
meio branco,
me fiz de morto.

Deixei que exibissem meu corpo e,
malemolente,
e enganador...
escondi o meu espírito.

Fiz de conta que não nasci, nem
cresci,
só pelo prazer de vencer o meu
opressor...

Hamilton Cardoso

** Ibegí, na tradição afro-brasileira, é criança.

na sua poesia; "são pequenos quilombos culturais incrustados nos dias e noites brancos da vida paulistana", diria Beatriz do Nascimento, a socióloga.

Sem morros apinhados com tamborins, camisas listradas e chapéus brancos, o rio negro do samba, xaxado, soul e rap, corre em direção às ruas centrais da cidade. E, como ratos submersos nos bueiros que vão respirar ou se embebedar, os negros emergem nas noites quatrocentonas. Para negá-las, recriá-las, vivê-las ou então destruí-las.

Para todos, sempre, é uma questão de opção...

* Reportagem e textos baseados na Carta Aberta a Nelson Mandela e na reportagem Insurgência Negra, um fato da Consciência Nacional, do Livro *Brasil Entre Dois Mundos, Cemitério de Negros*. Ed. Geledés.

EXPEDIENTE: Editor Responsável, criador e redator: Hamilton Bernardes Cardoso. MT - 18580/87. Colaboradores: Cristina Barbosa (Revisão) e Diogo de Almada (Idéias). Apolo: José Roberto Militão, Instituto do Negro e Partido Socialista Brasileiro. Redação (Provisória): Rua Profª Ida Kolb, 225, Bl. 12, apto. 171. Contatos: 65-8817 (Cristina). Distribuição: Instituto do Negro - R. Senador Feijó, 72 - 7º andar - Centro - São Paulo - Tel.: 37-3683. Esta publicação, inclusive os apoios publicitários, são de inteira responsabilidade do Instituto do Negro. Os direitos autorais, do Editor. AGOSTO DE 1991 PREÇO: CR\$300,00